

PRÉ-ESCOLA OFICIAL: a busca de caminhos

João Pedro da Fonseca

RESUMO: A educação pré-escolar tornou-se tema bastante discutido ultimamente. Neste artigo, pretende-se fazer uma síntese das questões cruciais da pré-escola oficial brasileira. Partindo dos fundamentos da educação pré-escolar, o Autor propõe uma reflexão sobre o significado e alcance dos argumentos favoráveis a essa instituição. Recusando tanto a negação pura e simples, como a crença ingênua nas possibilidades da pré-escola, procura compreender qual a que mais convém à realidade brasileira.

PALAVRAS-CHAVE: Educação pré-escolar. Escola de educação infantil.

Nos últimos anos, a pré-escola vem sendo objeto de manifestações de educadores, artigos de especialistas e reportagens na imprensa.

Muitos congressos, seminários, simpósios, painéis, conferências, encontros, colóquios e debates sobre o assunto têm sido realizados.

Finalmente, um tema de importância fundamental como o do atendimento à primeira e segunda infâncias — período crítico do desenvolvimento humano — é amplamente debatido em todos os quadrantes do país.

Em toda essa movimentação, parece-nos, podemos identificar uma ansiada busca de caminhos para uma pré-escola que atenda à realidade brasileira ou, melhor dizendo, às múltiplas realidades brasileiras.

Como em toda busca de caminhos, são muitas as interrogações, as dúvidas, os questionamentos, havendo lugar para polêmicas a respeito dos mais diferentes aspectos, com destaque para as questões relacionadas aos objetivos, currículos, financiamento e avaliação.

Pedagogos, filósofos, antropólogos, psicólogos, sociólogos, assistentes sociais, economistas, médicos, enfim, estudiosos dos mais diferentes campos do conhecimento têm apresentado algum tipo de contribuição para o equacionamento dos problemas referentes à pré-escola.

Tratar-se-ia de mais um modismo? Mais uma inflação de palavras? Ou seria, finalmente, o reconhecimento da importância e da necessidade de atenção à

criança em idade pré-escolar? Ficaríamos apenas nas belas palavras e no incentivo ao turismo de interessados na pré-escola? Que efeitos teriam os discursos e debates nos quase sempre concorridos auditórios? Que medidas efetivas resultariam das moções e conclusões dos finais de encontros de especialistas nas mais diferentes cidades do território brasileiro?

Talvez seja um pouco de impaciência de nossa parte, mas indagamos se, depois de tanta "conversa", não deveríamos contar já com uma clara política educacional e assistencial para o pré-escolar. Ficamos nos perguntando por que o Brasil demora tanto para definir e executar um efetivo atendimento aos menores de sete anos que hoje constituem aproximadamente vinte e três milhões de crianças.

Parece-nos que os estudiosos já se convenceram de que "a criança não nasce aos sete anos". E os políticos?

Necessidade da pré-escola

Qual a razão de ser da pré-escola? Ela é realmente uma necessidade? Quais os fundamentos de sua criação? A criança precisa mesmo passar por essa instituição? Ela é imprescindível?

Embora haja certo consenso a respeito da necessidade e conveniência da instituição pré-escolar, quando se indaga sobre o porquê dessa necessidade e conveniência, nota-se que os motivos não são exatamente os mesmos. Os diversos especialistas encontram respostas diferentes. Os pais também alegam razões nem sempre coincidentes para mandar seus filhos para as "escolas de educação infantil".

O tema dos fundamentos da pré-escola é por demais complexo para ser tratado nos limites deste artigo. Exigiria a abordagem de muitos campos de estudo, principalmente das ciências auxiliares da pedagogia, como a biologia, a psicologia e a sociologia. Não poderíamos nos ater apenas aos aspectos pedagógicos, tendo que discutir os aspectos assistenciais, entrando na seara da medicina, focalizando principalmente o fenômeno da desnutrição e suas conseqüências. Seguindo tendência geral dos enfoques dos problemas atuais, abordaríamos os fundamentos econômicos. Para tanto, poderíamos "provar" que é mais barato investir na pré-escola do que na (pseudo) recuperação de "menores abandonados". Poderíamos comparar "custo-aluno" de uma criança na pré-escola com o "custo-aluno" de um estudante repetente da primeira série do primeiro grau. Enfim, não seria dif-

cil convencer que o "retorno" dos recursos investidos no atendimento a algumas necessidades básicas da criança pré-escolar é altamente compensador.

Para ressaltar a necessidade da pré-escola, podemos recorrer também a dois documentos conhecidos mundialmente que são a Declaração Universal dos Direitos Humanos e a Declaração dos Direitos da Criança.

Têm sido bastante variados os argumentos em favor da pré-escola: justiça social, filantropia, igualdade de oportunidades, preparação para o primeiro grau, antídoto contra o fracasso escolar, socialização da criança, trabalho da mulher fora do lar. Evidentemente, seria de grande proveito uma análise cuidadosa de todos esses argumentos para avaliar o seu real significado e alcance.

Quais os limites e as possibilidades da pré-escola? Esta é uma questão que está exigindo serena e equilibrada resposta. Corremos tanto o risco da subvalorização quanto o da supervalorização. Precisamos encontrar o ponto de equilíbrio entre a negação pura e simples de seu valor e a crença ingênua de que ela é a panacéia para todos os nossos males educacionais. Segundo nosso entendimento cometem exageros tanto quem diz que ela não é necessária quanto quem sustenta ser ela imprescindível.

A defesa da pré-escola se apóia principalmente em dois argumentos gerais. De um lado, as descobertas científicas das disciplinas auxiliares da pedagogia, principalmente da psicologia e da biologia. De outro, a constatação das mudanças ocorridas no mundo moderno afetando a criança.

No primeiro item, temos as descobertas da psicologia, revendo a concepção da criança como um adulto em miniatura. A criança passa a ser vista como um ser "sui generis", de fases de desenvolvimento, com períodos críticos ou sensíveis. Enfatiza-se a importância das primeiras experiências infantis para a formação de sua personalidade e toda a sua vida futura. A psicanálise, principalmente, vê na criança "o pai do homem" ou seja, a vida adulta sendo determinada pelas experiências infantis, principalmente até os seis anos. A biologia, por sua vez, traz contribuição para os argumentos em favor da pré-escola com suas descobertas relacionadas com o fenômeno da desnutrição, importância da nutrição para o desenvolvimento cerebral infantil. A partir desses estudos, a desnutrição passa a ser vista como uma chave para se compreender, em parte, os insucessos escolares, a debilidade mental, grande número de doenças e até algumas "causae mortis" de muitas crianças. A importância de se nutrir as crianças pré-escolares, as gestantes e nutrízes, consideradas a população mais vulnerável, encontra respaldo nessas descobertas.

Psicologia e biologia, portanto, enriquecem os argumentos em favor de uma pré-escola educacional e assistencial.

Existem, no entanto, outros argumentos favoráveis à pré-escola, extraídos da constatação das mudanças ocorridas no mundo moderno, com reflexos principalmente na estrutura familiar. Referimo-nos, de modo especial, à industrialização e urbanização que trouxeram como conseqüência modificações nas relações familiares, nas relações de vizinhança, nas habitações, no trabalho, no transporte, enfim, que trouxeram substanciais modificações nas condições de vida de adultos e crianças.

A pré-escola é, portanto, uma resposta às duas ocorrências: de um lado, ao progresso das ciências humanas e de outro, às mudanças profundas do mundo moderno. Ela é um meio de se proporcionar adequado atendimento à criança para que esta não tenha seu desenvolvimento comprometido. Isso deve ser feito no lar ou na instituição pré-escolar? Pré-escola ou lar?

A pré-escola é realmente um bem para a criança? Ou seria melhor que ela permanecesse no lar? O assunto é polêmico e há muita controvérsia e mal-entendido. O que está em jogo é o desenvolvimento infantil. Ora, a simples permanência da criança no lar ou na pré-escola não é garantia desse desenvolvimento. É necessário que se veja que condições o lar ou a instituição pré-escolar lhe oferecem. Isso nos conduz ao problema do ambiente ideal de aprendizagem para a criança. A esse respeito, temos o pensamento de Bettye M. Caldwell que nos oferece excelente oportunidade para reflexão. Diz ela: "O ambiente ideal para a criança pequena é aquele no qual ela é criada em seu próprio lar, no contexto de uma relação emocional afetuosa e contínua com sua própria mãe, sob condições de estimulação sensorial variada"(1) Eis aí uma situação realmente ideal. Nessas condições, poder-se-ia dizer que a pré-escola é perfeitamente dispensável. Se concordamos, em tese, com Bettye M. Caldwell, achamos lícito perguntar: quantas crianças — aqui e agora — têm possibilidades de usufruir dessas condições? Quantas mães têm condições de proporcionar para seus filhos não apenas o carinho, mas também a estimulação de que necessitam? Quantos lares "completos" quanto às exigências infantis existem?

As palavras de Bettye nos permitem concluir que a pré-escola, embora necessária, não é imprescindível. Depende das condições específicas de cada família

(1) CALDWELL, Bettye M. — Qual é o ambiente ideal de aprendizagem para a criança pequena? In: WITTER, Geraldina Porto (org.) e outros — *Privação Cultural e desenvolvimento*. S. Paulo, Pioneira, 1975.

ou comunidade. A conclusão sobre a sua conveniência ou não deve resultar da análise de situações concretas.

Muito significativo a este respeito é o que diz Marrou quando descreve a educação da criança pequena na Grécia: "Os antigos ter-se-iam rido bastante da gravidade com que nossos especialistas de jardim de infância ou escola maternal, digamos Froebel ou a Sra. Montessori, escutam os jogos mais elementares para descobrir-lhes a virtude educativa. É claro que não há na Grécia escola maternal propriamente dita: esta é uma instituição completamente moderna, aparecida no mais sombrio da barbárie industrial, quando o trabalho das mulheres tornou necessária a organização de creches destinadas a assegurar às mães a liberdade de atender ao apelo da fábrica. A família permanece, na Antiguidade, o quadro da primeira educação"(2)

Vê-se que a pré-escola é uma necessidade hoje em virtude das mudanças ocorridas no mundo, principalmente após a Revolução Industrial. Gostemos ou não dessas mudanças, a pré-escola pode ser entendida como meio para reduzir alguns dos efeitos negativos decorrentes das transformações.

Quanto à polêmica "lar x pré-escola", não nos parece correto situar o problema em termos de oposição já que, do nosso ponto de vista, as duas instituições não devem ser apresentadas como mutuamente excludentes, mas complementares. Não se trata de substituir o lar pela pré-escola ou trocar os pais pelos professores. As polêmicas em torno da "criança institucionalizada", do "hospitalismo" ou da "ausência da mãe" não cabem nas discussões sobre a pré-escola já que não se está reivindicando, necessariamente, o internamento prolongado da criança em alguma instituição com a conseqüente privação materna.

Muito ao contrário, a proposta mais sensata parece ser a de uma pré-escola que envolva os pais e toda a família e não se dirija exclusivamente à criança. Os pais, ao matricular seus filhos na pré-escola, devem estar conscientes de que não estão abrindo mão de seus papéis de educadores, não estão delegando nem transferindo para os professores sua responsabilidade. Devem ser estimulados a participar do trabalho educativo desenvolvido pelos centros pré-escolares. A ação educativa tem que ser compartilhada pelo lar e pré-escola de modo a favorecer o desenvolvimento integral e harmonioso da criança.

(2) MARROU, Henri Irénée. *História da educação na Antiguidade*. Tradução do Prof. Mário Leônidas Casanova. São Paulo, E.P.U., Brasília, INL, 1975, p. 225.

Qual a pré-escola que nos convém?

Se não é difícil o consenso a respeito da necessidade da pré-escola, o mesmo não se pode dizer quanto ao tipo de pré-escola que nos convém. Atualmente, parece existir indefinição quanto ao modelo de pré-escola mais adequado às nossas condições. Esse modelo não pode ser imposto e não precisa ser necessariamente comum a todas as escolas. Não acreditamos que exista um tipo ideal de pré-escola em abstrato. Esse deve surgir das condições existentes, brotar do meio e ser resposta às necessidades sentidas e vividas pela população. Deve, isso sim, haver alguns princípios gerais sobre os quais se assenta a pré-escola que melhor atenda às necessidades da criança que a procura. O atendimento às necessidades infantis parece-nos ser o ponto de partida na busca da pré-escola mais adequada. Afinal, essa instituição se justifica apenas na medida em que atenda aos interesses e às necessidades da criança. Outro não é o motivo de sua existência. É verdade que muitas "escolas de educação infantil", principalmente particulares, estão menos preocupadas com a criança do que com as pressões de seus pais que pagam as anuidades e exigem resultados imediatos, lições de casa, cadernos cheios, alfabetização. O princípio geral, entretanto, continua devendo ser o da criança como sujeito e centro do processo educativo.

A resposta sobre a melhor pré-escola está ainda condicionada a uma clara filosofia de vida e de educação. A opção por um determinado modelo depende, antes de mais nada, de uma concepção de vida e de infância.

Para chegarmos a uma definição da pré-escola adequada ao nosso meio, temos que conhecer a realidade e saber que objetivos pretendemos alcançar, que tipo de homem e de sociedade valorizamos. A partir daí estaremos em condições de identificar as metodologias mais eficazes para obter os resultados desejados. Há questões de fundo a serem resolvidas antes das questões metodológicas, embora tenha sido mais freqüente encontrarmos mais discussões a respeito dessas últimas. Vejamos o exemplo de alfabetização na pré-escola, sua conveniência ou não. A solução desta dúvida, além de fundamentos científicos, requer resposta a questões como: o que é a alfabetização? por que alfabetizar? por que não alfabetizar? Quais as vantagens ou desvantagens da alfabetização no pré? Que benefícios ou malefícios traz ela para a criança de tenra idade? Em que medida ela ajuda ou prejudica o desenvolvimento infantil? O que representa ela para a criança pré-escolar em termos de crescimento pessoal? Quais as conseqüências da alfabetização (precoce)? A alfabetização é um fim em si ou um meio para um objetivo maior? Qual é esse objetivo? Que tipo de homem pretendemos formar? Que modelo de sociedade pretendemos ajudar a construir? Que idéias pedagógicas defendemos? A serviço de que filosofia de vida e de educação ou de interesses estamos? Onde pretendemos chegar? O que queremos realmente? Alfabetizar ou não

alfabetizar na pré-escola deixa de ser uma questão puramente técnica para significar posturas assumidas diante do mundo, da vida e da criança.

Precisamos definir o que entendemos por educação, um conceito ambíguo onde cabem as mais diferentes orientações. O que a criança deve fazer na pré-escola? Que atividades deve ela desenvolver? Como deve ocupar o seu tempo? O que diferencia a pré-escola da escola? O que caracteriza cada uma dessas instituições? Pré-escola ou escola precoce? Dirigismo ou espontaneísmo? As respostas não são fáceis e requerem muita reflexão, estudo e observação.

Estudo, reflexão e observação não devem faltar ao educador. Dele depende, em grande parte, o sucesso ou insucesso da pré-escola. Deve ele ser muito bem formado, valorizado, reconhecido. Cuidar de sua formação, da valorização de sua profissão e do oferecimento de boas condições de trabalho são medidas urgentes e necessárias sob pena de comprometer todo esforço em favor da pré-escola.

Não pode o educador considerar-se um simples técnico, mas ter uma concepção mais abrangente de seu papel de educador. Como educador deve sentir-se comprometido com a comunidade que vai servir, seus problemas, angústias e ansiedades.

Não se exige dele a perfeição em todos os sentidos; não precisa ser super-homem. Deverá ser, porém, alguém que busque aperfeiçoar-se continuamente e esteja a serviço das crianças e de suas famílias para promovê-las.

Qualidade e quantidade

A pré-escola está diante de dois grandes problemas. O primeiro é o da qualidade, ou seja, a necessidade de se oferecer uma educação e assistência de bom nível a quem ingressa. A criança que procura a pré-escola precisa encontrar educadores bem formados, capazes, valorizados, compreendidos e satisfeitos. Precisa encontrar instalações próprias e equipamentos abundantes e adequados.

Ao mesmo tempo, um país que se pretende democrático não pode proporcionar uma boa pré-escola a pequena parcela de sua população infantil apenas. Ela deve ser universalizada e oferecida ao maior número possível de crianças. A igualdade de acesso é medida das mais urgentes e necessárias. Prioridades, dentro dos critérios de justiça social, devem ser estabelecidas para que os mais necessitados sejam os primeiros contemplados.

Ao lado do problema da qualidade, situa-se o problema da quantidade: quantas crianças têm pré-escola e quantas não têm. Ambos são igualmente graves e merecem ser considerados.

“Uma boa pré-escola para poucos ou uma pré-escola inferior para muitos”: este falso dilema tem sido apresentado para justificar instalações precárias, improvisações e superlotação de salas. Não faltam defensores de uma pré-escola de segunda categoria sob o argumento de que qualquer coisa é melhor que nada ou que para atender uma clientela “carente” justifica-se uma pré-escola também carente.

Não faz sentido, obviamente, pretender-se uma pré-escola sofisticada, suntuosa, de equipamentos desnecessariamente caros. Parecem razoáveis as propostas de algo modesto, simples e exequível. Não convém, no entanto, confundir simplicidade e modéstia com precariedade.

É possível conciliar-se qualidade e quantidade? Parece-nos que sim. Isso só é possível, todavia, se a pré-escola for considerada prioridade da administração pública e se forem tomadas medidas conseqüentes. E os recursos para tanto?

A falta de verbas

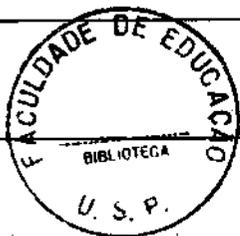
“Olha, o seu projeto é muito bom; excelente mesmo. Mas, é muito romântico, lírico, idealista, utópico, inexecuível. Somos um país pobre, os recursos são escassos. Temos que ser mais realistas, ter os pés na terra. Apresente uma proposta mais modesta, mais barata e que tenha condições de ser colocada em prática”.

Quantas vezes, principalmente quando se trata de programas sociais, não ouvimos a desculpa de sempre — a de que o dinheiro não existe.

Quem, voltado para projetos sociais, nunca viveu o pesadelo de uma velha frase oficial: há falta de recursos.

Ora, que os recursos são quase sempre inferiores às necessidades é fato notório. A própria razão de ser das Ciências econômica e administrativa reside no fato corriqueiro do desequilíbrio entre necessidades e recursos, estes sempre em menor quantidade que aquelas.

O que deve causar estranheza é o emprego desse argumento para “justificar” a falta de atendimento à criança em seu período crítico de desenvolvimento. O mais grave ainda é que educadores façam uso desses argumentos em lugar



de reivindicar a fixação de políticas coordenadas nos vários setores do governo, a prática do planejamento, a melhor distribuição dos recursos existentes e o aumento dos recursos para que a defasagem entre as necessidades e os meios seja menor.

Já que o governo — nos níveis federal, estadual e municipal — deve “administrar a escassez”, tem que recorrer a critérios para dividir o “bolo de recursos” entre as muitas necessidades. A expressão “não há verbas” deve ser modificada para “não há verbas para *esta* ou para *aquela* necessidade”. Isso nos dá o quadro que é considerado *mais* importante ou *menos* importante para os responsáveis pela tomada de decisão.

As discussões a respeito dos recursos para a pré-escola vêm carecendo de mais profundidade. Elas ficam apenas nas questões internas do sistema escolar. Chegou-se a apontar a prioridade do ensino de 1º grau como responsável pelo abandono da pré-escola no Brasil. Houve também sugestões no sentido de se repartir com a pré-escola o dinheiro que os municípios aplicam no ensino de 1º grau. Isto é, as sugestões são geralmente para que se tire da educação para a educação como se não fosse possível criarem-se novas fontes de recursos ou redirecionar-se a aplicação dos recursos em todos os níveis da administração.

O financiamento da pré-escola não pode ser resolvido com medidas tão pouco criativas e tão prejudiciais à educação como um todo. Uma análise mais profunda da administração pública, da estrutura tributária, dos orçamentos públicos, das prioridades governamentais deve indicar caminhos novos.

A busca de caminhos

Do que acabamos de expor, talvez seja possível concluir que estamos vivendo um momento importante para a pré-escola oficial brasileira. É o começo de tomada de consciência de sua necessidade e importância no quadro do sistema educacional do país.

Não se trata, evidentemente, de remédio salvador para nossos males. Tem sido até criticada pelo fato de ser medida paliativa e reformista. Com todas as suas limitações, entretanto, ela tem seus méritos e valores, e estes devem ser reconhecidos, como parece estar começando a acontecer. Se esse reconhecimento ocorrer de fato, finalmente poderemos ter uma verdadeira política nacional e regional de atendimento pré-escolar. Considerando-se o descaso oficial pela pré-escola em toda a história da educação brasileira, será um fato auspicioso.

Teremos então abandonado as improvisações, as medidas emergenciais, "definitivamente provisórias" ou "provisoriamente definitivas", as soluções rápidas e baratas, as "amostras" de soluções, os remendos. Teremos encontrado o caminho de uma pré-escola efetiva, séria, contínua, digna da criança brasileira. Que merece ser tratada com mais respeito e dignidade.